

A Teoria das Necessidades e a Busca da Excitação: o que Leva os Corredores às Ruas

The Theory of Needs and the Search for Excitement: What Takes Runners to the Streets

Jorge Pereira Rodrigues^{a*}; Felipe da Silva Triani^b; Silvio de Cassio Costa Telles^a

^aUniversidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Exercício e do Esporte. RJ. Brasil.

^bFaculdade Gama e Souza.

*E-mail: joprodrigues@globo.com

Recebido em: 27/02/2018

Aprovado em: 20/06/2018

Resumo

As corridas de rua representam para os campos da Educação Física e do esporte um fenômeno de grandes proporções, tendo servido como objeto de estudo para compreender os efeitos fisiológicos sobre a saúde, as questões relacionadas aos mecanismos de lesão, melhora do desempenho de atletas e como forma de manifestação de lazer. Além disso, considerando o crescimento da prática da corrida de rua, o número de eventos e atletas, as academias, que se tornaram populares nos anos de 1980 e 1990, nos últimos anos, fornecem muitos corredores para as ruas. No entanto, os motivos que fazem os corredores associarem a corrida na esteira das academias às corridas de rua ainda são poucos conhecidos. Destarte, o objetivo da pesquisa foi revisitar a literatura e investigar as motivações, que têm implicado os corredores a associar as esteiras das academias com as corridas de rua. Para atingi-lo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de revisão narrativa nos principais periódicos da Educação Física brasileira e nas bases indexadoras SciELO e Google Acadêmico, tendo a busca sido realizada até 2014. Logo, como resultados a revisão contribui na medida em que desvela o sentimento gregário de grupo e a busca pela excitação, por meio do ambiente diversificado, alternativo e imprevisível das ruas, como os principais motivos que contribuem na associação que os corredores empregam das esteiras para as ruas.

Palavras-chave: Ciências da Saúde. Ciências do Esporte. Psicologia do Esporte. Saúde. Atletismo.

Abstract

The street running represents a phenomenon of great proportions for the fields of physical education and sport, having served as an object of study to understand the physiological effects on health, the questions related to the mechanisms of injury, improvement of the athletes performance and as a leisure manifestation. In addition, considering the growing practice of street running, the number of events and athletes, the gyms, which became popular in the 1980s and 1990s, in recent years, provide many runners to the streets. However, the motives that make runners associate the running in the treadmills in the gyms with the street runnings are still little known. Thus, the objective of the research was to revisit the literature and investigate the motivations that have implicated the runners to associate the treadmills at the gyms with the street running. In order to reach this goal, a bibliographical research was carried out on the narrative review in the main Brazilian physical education journals and on the SciELO and Google Scholar index databases, and the search was carried out until 2014. As a result, the review contributes to the extent that it reveals the gregarious group feeling and the quest for excitement through the diversified, alternative and unpredictable environment of the streets as the main motives that contribute to the association that runners employ from the treadmills to the streets.

Keywords: Health Sciences. Sports Science. Sports Psychology. Health. Athletics.

1 Introdução

As corridas de rua se tornaram um dos maiores fenômenos esportivos em ascensão no Brasil¹. É interessante avaliar como essa prática se tornou uma tendência relevante dentro das áreas urbanas. A busca por um novo espaço para realizar atividades físicas encontrou nas cidades uma possibilidade, que não evidencia sinais de estar em processo de desaceleração.

A Federação Paulista de Atletismo - FPA é o órgão oficial que melhor possui os números de corridas de rua. Desde que a entidade passou a controlar os números dos eventos rústicos de corrida no ano de 2001, a quantidade de corridas não parou de crescer. Quando são comparados os anos de 2014 e 2015, o aumento foi de mais de 14,96%. O número elevado de

corridas de rua em São Paulo levou a Federação a criar um departamento exclusivo para tratar do assunto.

A Federação de Atletismo do Rio de Janeiro - FARJ também tem buscado disciplinar as realizações de eventos de rua, em virtude do aumento sistemático do número de provas, criando a partir de 2013 um cargo exclusivo para tratar desse assunto.

A busca pela prática da corrida de rua ocorre por diversos interesses, que envolvem a promoção da saúde, estética, integração social, fuga do estresse da vida moderna, busca por atividades prazerosas e competitivas². Nessa esteira, ao longo do século XX, a corrida de rua se tornou um evento esportivo sistematizado. No contexto brasileiro, esse aspecto ganha impulso com a propagação, pelo Governo, do Programa

“Esporte Para Todos”. O movimento denominado “*jogging boom*”, influenciado pela teoria do Método Cooper, estimulou o surgimento da cultura das corridas, em ambientes externos, nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970. Essa prática, rapidamente, chega ao Brasil, talvez impulsionada pelo sucesso da seleção brasileira de futebol campeã na Copa do Mundo do México no ano de 1970, que utilizou o teste de Cooper na preparação de seus jogadores^{1,2}.

Outra hipótese para popularização das corridas de rua no Brasil pode ter sido a liberação da participação popular nas corridas, os chamados “atletas amadores”, haja vista que até então, esses eventos tinham como público alvo, os atletas de “elite”. Também na década de 1970 surgiram provas em que se permitia a participação popular junto aos corredores de elite, porém com largadas separadas para os respectivos “pelotões”². Nesse período, começam a se tornar tradicionais provas como a Maratona do Rio de Janeiro (1979), Corrida Leblon-Leme (1979), Corrida dos Reis em Goiás (1970) e, ainda, a mais antiga corrida existente no Brasil, que ocorre desde a década de 1920, a São Silvestre³.

O movimento de corridas de rua, que se tornou popular nos anos de 1970, tende a permanecer estável até o fim da década de 1980, embora as corridas de rua tenham se tornado uma prática constante nas paisagens urbanas de algumas cidades brasileiras, a última década do século XX tende a apresentar uma desaceleração na promoção desse tipo de atividade esportiva. Eventos tradicionais como a “Corrida da Ponte”, “Leblon-Leme-Leblon” e a “Corrida do Cristo” cessam nesse período. Assim sendo, a possibilidade de ter a corrida rústica como uma prática regular de atividade física, já não é tão constante quanto a alguns anos atrás³.

Os anos de 1980 e 1990 representaram a ascensão das atividades em academias. Marinho e Guglielmos⁴ afirmam que a expansão das academias são um dos maiores fenômenos sociais ocorridos recentemente e que a crescente aderência às atividades físicas oferecidas tem motivos e fatores variados. Assim, aproximadamente, cerca de dez anos após da popularização das corridas de rua, uma nova forma de prática sistemática de atividade física ganha destaque em nosso país. Gradativamente, as “esteiras” tornaram-se uma nova oportunidade de exercitação e modismo. Desde então, as práticas físicas “*indoor*” sofreram vertiginoso aumento nos números de empreendimentos comerciais no ramo do *fitness*.

O SEBRAE, em 26 de agosto de 2014, aponta que o Brasil é segundo país do mundo em número de academias⁵. O SEBRAE indica a existência de 21.760 empreendimentos do ramo em território nacional. A mesma publicação aponta um crescimento de 29% nos últimos três anos. O número de usuários gira em torno de 2,8 milhões de matriculados. As academias foram determinantes para a mudança na forma como as pessoas faziam as atividades físicas. Desta forma, em um único espaço, a oferta diversificada de atividades proporcionava uma nova perspectiva na busca pelos objetivos

relacionados ao corpo. A indústria do *fitness* está sempre em busca de novidades nos serviços, que renovem seu poder de atração de novos e potenciais consumidores. As promessas dessa grande indústria, contando com um avançado aparato no campo do marketing e da propaganda, criam novas necessidades, junto com o campo científico, ambos legitimando o discurso da saúde, promovendo uma identificação do consumidor com produtos e serviços propostos pelo setor⁶.

O início do século XXI representa o retorno da prática contínua e sistemática de corrida ao ar livre. As corridas de rua têm se mostrado muito frequentes, angariando a cada ano um grande número de participantes em suas edições. Segundo Evangelista¹, as provas de rua tiveram um aumento significativo nos últimos dez anos. Comparando os números da FPA, em 2001 eram apenas 11 provas de rua e, em 2005, passaram para 174 somente no Estado de São Paulo, tendo algumas vezes 25 mil pessoas em uma única prova, no ano de 2014 foram 363 e em 2015 foram 415 corridas oficializadas pela FPA³.

Provavelmente, pensando na conjugação entre alunos de academias e corridas de rua, cinco das principais empresas organizadoras de eventos rústicos no Brasil, Yescon, Spiridon, O2, Corpore e Iguana organizam eventos, exclusivamente, voltados para o segmento academias, possuindo em suas estruturas cadastros que permitem não somente um contato direto com essas empresas do ramo de *fitness*, visando facilitar informações sobre os eventos, quanto facilidades nos processos de inscrição, retirada de *kits*, valores diferenciados nas inscrições dos alunos/atletas e premiação às academias com melhores *performances* e um número cada vez maior de participantes. Essas empresas possuem um cadastro dos participantes, buscando criar uma maior aproximação com os consumidores de seus produtos.

Não há dúvida de que se vivencia um fenômeno de prática sistemática de corridas no Brasil. Dessa forma, busca-se nesse artigo identificar quais os principais fatores que compelem as pessoas a buscarem as corridas de rua como fator presente na práxis de suas atividades físicas. Dessa maneira, o objetivo da pesquisa foi revisitar a literatura e investigar as motivações que têm implicado os corredores a associar as esteiras das academias com as corridas de rua.

2 Desenvolvimento

2.1 Metodologia

Este estudo foi baseado em uma revisão narrativa de literatura, a partir de produções que versam direta ou indiretamente sobre o tema. Foram investigadas as produções científicas que abordavam a corrida, tendo como lapso temporal as publicações entre 2000 e 2014, por considerar que somente a partir dessa década os eventos rústicos ficaram mais presentes em nosso cotidiano, caracterizando-se então como um fenômeno¹. Adicionalmente, ressalta-se que somente foram utilizadas referências em português, pois o foco foram

as discussões do fenômeno no ambiente brasileiro.

A pesquisa foi realizada no âmbito dos seguintes periódicos: Motriz; Revista de Educação Física; Movimento; Cadernos CEDES; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte; Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde; Revista da Educação Física UEM; Revista Brasileira de Ciências do Esporte; UNOPAR Científica Ciências Biológicas e da Saúde; Revista Estudos Feministas UFSC; e Pensar a Prática. Na ocasião da busca, os seguintes descritores foram utilizados: “corrida”, “corrida de rua”, “corrida rústica”, em diferentes ordens e combinações.

Inicialmente, as edições dos periódicos foram acessadas, os títulos dos artigos observados e foi realizada leitura do resumo, quando este tinha relações com o tema. As publicações, que não evidenciavam relação com a temática, foram descartadas.

Foram investigados 345 volumes englobando todos os periódicos. No entanto, a busca foi ampliada para o banco de dissertações e teses da CAPES, sendo realizada uma busca com os mesmos descritores. Além disso, portais como o Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida (CPAQV), Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e SciELO, também foram utilizados na ocasião da pesquisa.

Na área de marketing, administração e economia, foram encontradas sete produções no periódico CAPES e uma no portal SciELO. Nos demais não foram encontradas produções correlatas. Na área de saúde e/ou *performance* obteve-se os seguintes números: 10 na SciELO, 9 no IBICT, 14 em Periódicos CAPES. Nos demais não foram encontradas produções. Cabe ressaltar que como a busca foi ampliada, as produções nas áreas de Marketing, Administração e Economia e de Cultura do Portal SciELO, também constam em “CAPES”.

Quadro 1- Resultado da busca nas bases de dados e bases indexadoras por área

Base	Áreas		
	Marketing, Administração e Economia	Saúde	Cultura
CAPES	7	14	16
CPAQV	0	0	0
DeCS	0	0	0
BVS	0	0	0
IBICT	0	9	12
SciELO	1	10	1

Fonte: Dados da pesquisa

Além dos periódicos, bases de dados e indexadoras, também foi realizada uma busca nos órgãos representativos oficiais do atletismo, tais como: Federação Internacional de Atletismo, Associação Internacional de Maratonas e Corridas de Distâncias, Confederação Brasileira de Atletismo e Federações. Essa exploração apresentou um cenário mais próximo do real, sobre os números de eventos e quantidade de corredores nos eventos rústicos.

Ao final da busca e depois da leitura realizada no material

encontrado, diversos fatores sobre a motivação que conduz indivíduos a correrem nas ruas foram explorados. Os discursos relacionados à saúde e à estética, a busca pela excitação e o sentimento gregário apareceram de forma recorrente na maioria dos estudos. Nos estudos, foram encontradas indicações de que a prática regular de corridas de rua é vista como uma forma de atingir metas. Algumas dessas metas poderiam ser alcançadas nos espaços *indoor*, porém, outras, conforme discorre-se ao longo do estudo, necessitam extrapolar o ambiente controlado das academias e suas esteiras.

A prática regular da atividade física possui um discurso quase que hegemônico pelo alcance da qualidade de vida. Contudo, a curiosidade científica incentivou a tentar identificar se nos anseios pelo alcance de uma vida saudável, existiria algum outro elemento que não apenas o discurso da saúde propriamente dita. Sendo assim, foi identificado que o sentimento gregário e a busca pela excitação não coadunam com as características das práticas das esteiras, a qual é individual e privada de alternância de ambiente.

Por outro lado, nas corridas de rua a excitação de exploração de novos locais e a possibilidade de correr em grupo são presentes. Portanto, o sentimento gregário e a busca pela excitação mostraram-se como fortes argumentos para contribuir na substituição das esteiras pelas corridas de rua.

Das publicações encontradas, cinco estão relacionadas ao sentimento gregário e três a excitação. Sendo assim, foram consideradas as categorias sentimento gregário e excitação. Então, os estudos que não estavam relacionados, diretamente, com as categorias de análise foram excluídos.

2.2 Discussão

O sentimento gregário foi identificado nos estudos dos autores Zimerman e Osório⁷, Rubio⁸, Albuquerque⁹ e Oliveira¹⁰, que utilizaram a teoria das necessidades de Maslow¹², e os estudos de necessidades e ou motivos de McClelland¹¹. Estes autores versam sobre as questões relacionadas ao convívio grupal como agentes facilitadores para o alcance das metas individuais. Desta forma, correr em grupo, e mais, pertencer a um grupo, também se configurou como decisivo para sair dos ambientes *indoor*. O correr em um grupo parece uma forma de combater a solidão das esteiras e da vida moderna.

A busca pela excitação aparece nos trabalhos de Ferreira¹³, Dallari³, Moretti¹⁴. Esses autores que versam sobre corridas de rua e ou de aventura usaram os estudos de Elias e Dunning¹⁵ para analisar a busca pela excitação por meio do esporte. A sensação de liberdade e o risco controlado de correr ao ar livre foram determinantes para levar milhares às corridas.

A partir desses dois sentimentos, apoiados nas teorias de Elias e Dunning¹⁵, Maslow¹² e McClelland¹¹, foi feita uma discussão para compor uma versão para a adesão dos alunos de academia às corridas de rua no Brasil. Como forma de tornar essa linha investigativa com mais subsídios serão relacionadas outras investigações que, embora não tratem de

forma direta dos dois sentimentos elencados, colaboram com informações sobre o eixo central da pesquisa: o indivíduo e a práxis da corrida de rua.

2.2.1 Sentimento gregário e a busca pela excitação

Na Teoria de Maslow¹², o homem se motiva quando suas necessidades, como a autorrealização, autoestima, necessidades sociais, segurança e necessidades fisiológicas são supridas. O teórico identificou que os seres humanos são motivados por necessidades específicas, mas que nem sempre são iguais, variando de acordo com o momento vivido pelo indivíduo. O autor organizou essas necessidades, em forma de pirâmide, com o intuito de sugerir que as motivações para satisfazer as necessidades do topo (necessidades de ser) somente surgirão quando as da base forem satisfeitas (necessidades de carência). Isso não significa que mesmo quando satisfeitas as necessidades do topo, a motivação cesse. Pelo contrário, ela aumenta na busca de maior satisfação.

Ao analisar o fenômeno corridas de rua é possível encontrar características peculiares às necessidades, as quais não são supridas pelas esteiras das academias³. Embora a base da pirâmide evidencie uma necessidade fisiológica, que poderia estar ligada aos discursos de qualidade de vida, em outros níveis são descritas necessidades, que ultrapassam as possibilidades apresentados pelos ambientes restritos.

Dallari³, em seu estudo sobre corrida de rua, ao entrevistar corredores, que participaram da prova de São Silvestre, identificou o sentimento de realização. Os participantes relatam a experiência de observar a reta de chegada em meio aos prédios e a multidão em volta. Para os corredores, o lugar ganha significado.

Albuquerque⁹ recorre à pirâmide das necessidades como forma de explicar o perfil dos consumidores de corridas de rua. A discussão versa sobre o indivíduo ser compelido a consumir produtos para satisfazer suas necessidades, seguindo a hierarquia que começa na satisfação fisiológica e prossegue até a autorrealização.

Com o objetivo de compreender os hábitos dos corredores, buscou-se identificar seu perfil. A percepção do novo perfil dos corredores de rua, agregado ao potencial financeiro dos mesmos e a característica gregária do ser humano, incentivou as academias a investirem em grupos de corredores. A revista aponta um perfil social e econômico com cerca de 60% dos praticantes com renda superior a R\$ 5 mil mensais, 75% dos corredores têm nível superior e a grande maioria possui idade acima de 30 anos.

McClelland¹¹ também contribuiu quanto à convivência grupal. O estudo apresenta quatro necessidades ou motivos como os responsáveis pelo comportamento humano. Para ele, os principais vetores da necessidade para que um ser humano pudesse obter a sua satisfação seriam: necessidade como meio para obter a satisfação; realização concretizada pelo ato de competir como forma de autoavaliação; afiliação que significa

relacionar-se cordial e afetuosamente e, por fim, o poder que significa exercer influência.

De acordo com Albuquerque⁹, as questões relacionadas ao *status*, juntamente com as realizações, que os eventos rústicos proporcionam, podem permitir um reposicionamento dos partícipes no organograma de um determinado segmento social.

A questão relacionada à imitação como um forte movente intrínseco. Os alunos passam almejar o que os outros têm. No caso do estudo em tela, isso pode se evidenciar no sentido em que os usuários das esteiras consigam perceber nos corredores um processo de satisfação pessoal em seus êxitos nas provas disputadas. Talvez isso se torne também seu próprio objetivo⁹.

O grupo exerce um movimento dinâmico de chamar, atrair, motivar e sedimentar a prática. Albuquerque⁹ também se reporta ao grupo no esporte como uma espécie de consciência coletiva. O autor utiliza o termo “grupo de referência” para designar as influências diretas ou indiretas sobre as atitudes ou comportamento da pessoa. O grupo cria o compromisso de estar lá. Por um caminho diferente, ele solidifica a escolha pessoal e cumpre o seu papel de confirmar a importância de estar ali, nos dias e horários combinados.

Albuquerque⁹ aponta ainda as questões relacionadas à mídia que os eventos esportivos mobilizam como sendo um fator que contribui para as pessoas procurarem essas práticas. A possibilidade de pertencer a algo, com tamanha exposição como as corridas de rua, pode ter grande influência na tomada de decisão de alguém querer ser corredor.

A realização, para McClelland¹¹, trata-se de uma necessidade que as pessoas possuem como fonte motivadora, primeiramente, focando no crescimento pessoal e objetivam fazer melhor e preferencialmente sozinhas, em seguida, querem um *feedback* concreto e imediato do seu desempenho, para que possam dizer como estão se saindo. Considera-se que as corridas de rua se tornam um campo fértil para inserção dos alunos das academias nesses eventos, pois nas academias muitas dessas necessidades não seriam supridas de maneira tão direta. Embora se considere que um aluno possa satisfazer seus anseios, inserido em uma academia, os desafios se tornam menores, pois dentre outras coisas, o ato de competir não se apresenta tão concretamente. Assim sendo, os atrativos dos eventos rústicos tanto podem servir como parâmetros para autoavaliação, quanto para as inserções em grupos.

Zimerman e Osório⁷ consideram o grupo como sendo não apenas o somatório de indivíduos, mas uma entidade com leis, mecanismos próprios e específicos. Entretanto, ressaltam a necessidade de que sempre haja espaço para preservar as identidades específicas de cada componente, visto que apesar do sentimento gregário ser fundamental, as necessidades individuais devem ser respeitadas, possibilitando com que as realizações sejam mais plausíveis e, acima de tudo, mais prazerosas.

Oliveira¹⁰ aponta uma forte necessidade de associação a grupos para as práticas esportivas. O estudo relata que

os vínculos contemporâneos estão fortemente ligados às academias e assessorias esportivas. Aponta, ainda, que os grupos de corredores, geralmente, surgem nos relacionamentos entre amigos que acabam se juntando para participar de eventos. Nesse aspecto, as academias podem se constituir um campo fértil para tais formações, uma vez que os alunos já frequentam um espaço comum e os profissionais de educação física costumam exercer influência nessa tomada de decisão.

No que se refere à afiliação, outra necessidade apontada por McClelland³ indica a ideia de como os grupos esportivos reforçam a sensação de pertencimento. Os grupos esportivos se formam sem a necessidade de formalidades, entretanto, isso não diminui os compromissos assumidos tacitamente, por cada integrante. Segundo a autora, esses vínculos abstratos seriam determinantes para a manutenção dos grupos.

Robbins¹⁶ aponta seis fatores que levam as pessoas a conviverem em grupos: por segurança, o que reduz a sensação de solidão; por *status*, pois na medida em que se inclui em um grupo traz *status* para os membros do grupo e para outros grupos; por autoestima, pois o grupo pode aumentar a sensação de valor próprio; por associação, já que na medida em que se inserem, as pessoas do grupo reforçam as relações sociais e as interações tendem a ser prazerosas; por questões de poder, uma vez que em grupos elas podem alcançar resultados que sozinhas teriam mais dificuldades em alcançar; pelo alcance de metas, pois há momentos em que o grupo se faz necessário para que o resultado seja otimizado.

Nesse contexto, é observável um processo de interdependência entre grupo e indivíduo, pois enquanto o primeiro se beneficia da presença do indivíduo, o outro satisfaz suas necessidades e desejos. Talvez seja possível um entendimento baseado no pensamento do contágio positivo, que poderia ser compreendido como uma reação em cadeia com diversos efeitos, tais como: partilha, reflexão, troca, surpresa, introspecção, inquietação. Conscientes ou não desse fenômeno, as pessoas têm procurado formar grupos para algumas práticas, incluídas as atividades físicas. Nesse sentido, as corridas de rua, pela facilidade de possibilidades de participação, quantidade de ofertas de eventos ou até mesmo pela naturalidade do ato de correr, concorrem como uma das primeiras escolhas daqueles que buscam novos desafios concomitantes com as associações grupais.

No que tange a necessidade do poder, apontada por McClelland¹¹, se observa que os alunos se tornam diferenciados dos demais, tanto por suas realizações, como completar uma prova, melhorar seu tempo, participar de eventos em distâncias maiores, consumir os objetos dos *kits* dos eventos, quanto pelos privilégios desfrutados. Isso pode aumentar sua sensação de estar em patamar diferente dos demais usuários das academias. Cabe assinalar que, embora McClelland não tenha estudado academia de ginástica, faz referência a pessoas e prática de atividade física.

Segalen¹⁷ se refere ao consumo desses artigos como o uso

de símbolos que são compartilhados entre os corredores. A roupa, por exemplo, não possui apenas uma função técnica de proteger o corpo durante o exercício, ela possui também uma função estética e de comunicação da posição de corredor.

Oliveira¹⁰ explica como a relação de poder se materializa nas participações em corridas de rua. O autor aponta que pertencer ao contexto esportivo e se apresentar como atleta ou corredor passou a ter um valor simbólico de superioridade física, disciplina e outros valores que, em geral, dão ao indivíduo um lugar de respeito na comunidade. A necessidade pode ser concretizada nas corridas de rua, quando os alunos conseguem melhorar seus resultados ou completar uma distância superior àquelas conseguidas por outros componentes da academia. Essas necessidades, apontadas por McClelland, correspondem aos níveis mais altos da pirâmide de Maslow.

Rubio⁸ diferencia grupos esportivos entre primários e secundários. O primeiro envolve grupos parentais, enquanto o segundo ocorre fora do ambiente familiar. Nos grupos secundários, as relações ocorrem com seus membros perseguindo objetivos comuns, compartilhando um determinado número de valores, que levam a produção de normas com comportamentos específicos que os caracterizam.

O estilo de vida ocidental contemporâneo, baseado na produção de capital, faz com que os indivíduos fiquem imersos em tensões cotidianas. Talvez se possa pensar em um novo paradigma de interação entre homem e natureza para compensar essa maneira de viver. Ferreira¹³ acrescenta que o homem tem procurado interagir com a natureza, buscando novos significados nessa relação. A prática de atividades, em ambientes rústicos, pode levar as pessoas a um processo de curiosidade e excitação, que visa compensar as agruras do cotidiano.

2.2.2 A busca pela excitação

Com o objetivo de compreender como a busca pela excitação pode contribuir na tomada de decisão dos alunos de academias em participar, ativamente das corridas de rua, foi analisada a contribuição de Elias e Dunning¹⁵ que apontam para as características das sociedades contemporâneas em sentir prazer, sejam como atores ou espectadores, em provas físicas, em confrontos individuais ou de equipe. Moretti¹⁴ referencia questões relacionadas ao risco controlado e a exacerbação do risco como fatores que contribuem pela busca de atividades ao ar livre. Além disso, aponta a conjugação entre lazer e excitação como fator pela busca da satisfação.

Nesse sentido, Elias e Dunning¹⁵ discorrem sobre a excitação, com base na teoria do processo civilizador. Os autores procuram estudar as questões ligadas ao lazer no campo da sociologia. Eles questionaram o motivo do lazer ter sido colocado em uma esfera inferior com relação a outras áreas, como a economia e a política.

O lazer era associado como complementar ao trabalho,

mostrando uma maneira distorcida do seu real significado. Dessa forma, o trabalho e o lazer deveriam estar no mesmo nível de importância nas sociedades atuais. As atividades de lazer não devem ser pensadas como complementares do trabalho e nem como uma forma de relaxar as tensões. O que se busca no lazer é uma excitação agradável. Essa afirmação deve ser pensada, tendo como pano de fundo a teoria do processo civilizador, que busca compreender a sociedade partindo da análise de seus diversos aspectos, inclusive o lazer. Nessa análise, a competição é compreendida como um sinônimo para a excitação, pois a disputa esportiva se constitui em uma dinâmica de grupo, que é originada pelo que denominam com sendo tensões controladas¹⁵.

Stigger¹⁸ discorre sobre a diversidade cultural do esporte, analisando-o como uma prática de lazer. O autor buscou estudar os esportes tradicionais e suas apropriações por pessoas comuns, que os inserem em suas vidas como atividades de lazer. Para ele, mesmo quando uma pessoa está praticando um jogo não oficial, como uma “pelada”, isso não deixa de ser tratado como uma disputa de jogo de futebol. Então, aquilo que é considerado como prática esportiva e, conseqüentemente, prática corporal, está disposta por toda a sociedade e por isso constitui opções de lazer das pessoas comuns. Cada praticante ou grupo de praticantes busca atribuir valores e significados às suas práticas corporais. Provavelmente, valores e significados convergentes tendem a criar um ambiente fértil para adesão a uma prática sistemática de atividade física. Para o autor, as práticas corporais são menos rígidas com as regras, o que a torna diferente do esporte profissional.

Nas palavras do autor: “um olhar de dentro, entretanto, permite identificar vários aspectos que sendo adaptações vinculadas aos interesses e possibilidades de cada grupo em particular diferenciam os universos estudados entre si, mostrando diferenças na sua relação com o esporte, como ele é hegemonicamente praticado e definido nas competições esportivas oficiais”.

É razoável entender que a sociedade moderna esteja promovendo a disseminação dos esportes ao ar livre a luz do moderno processo de esportivização, compreendendo uma transformação da cultura corporal do lazer, manifestação social do prazer simples e despojado, em uma cultura do esporte ou de outra forma uma regulamentação, institucionalização dos passatempos¹⁹.

Distintas categorias, como faixa etária e sexo proporcionam uma maior equidade. Uniformes, *chip's*, postos de hidratação, aparatos médicos, mesas de frutas, medalhas, enfim um “circo” que desenvolve no participante a ideia de uma prova institucional. Interessante pensar que muitos corriam e, ainda correm por lazer, mas agora o fazem também para pertencerem a um modismo que deu as corridas de rua uma visibilidade nunca vista sob a ótica da participação de pessoas comuns. Apesar das corridas de rua fazerem parte do calendário de diversas cidades, como: Nova York, Paris, Rio de Janeiro e São Paulo, há muitas décadas, estas eram um

movimento diferente com uma adesão pontual⁶.

Para Elias e Dunning¹⁵, o lazer se constitui uma forma do homem adulto extravasar suas tensões. Considera-se que nas academias, por se tratar de um local totalmente fechado, as tensões descritas pelos autores, em sua obra, não encontram um espaço propício para dar conta do extravaso humano frente às tensões cotidianas. Nesses estabelecimentos, os ambientes são controlados, as ações são previsíveis e, em função disso, é provável que alunos busquem outros espaços nos quais possam experimentar suas sensações.

Portanto, quando se discute corridas de rua, o atrativo do grupo ganha um aditivo especial, pois os alunos podem contar com a logística e estrutura diferenciadas. Então, o orgulho de fazer parte e ser parte do grupo constitui um sentimento de pertencimento, que se materializam nos ritos que compõem os grupos de corredores, tais como: vestir e ostentar a camiseta que os identifica e os faz se sentirem como atletas.

Nos grupos de corredores de rua é possível encontrar excitações não só nos processos de competição consigo mesmo, revelado nas possibilidades de melhora nos resultados atléticos, mas também como a competição com os componentes do seu próprio grupo, que poderia ser manifestado na sensação de poder na hierarquia do grupo. Essas condições não poderiam ser observadas, com tanta clareza, se as ações dos alunos fossem restritas às esteiras das academias, em que normalmente são sozinhos ou interagindo com seus aparatos eletrônicos.

3 Conclusão

Correr nas ruas para muitos tem se tornado uma excelente opção para sair das esteiras e fugir da “síndrome do hamster”. Correr sem sair do lugar foi, durante muitas décadas, uma forma de manter a saúde em um ambiente controlado e seguro. O advento das academias e seus aparatos tecnológicos, como as esteiras, cumpriram seu papel em proporcionar a busca pela saúde uma tarefa mais fácil. Contudo, atualmente, as demandas contemporâneas, considerando Elias e Dunning como base teórica, remetem as pessoas a novos desafios que tendem a extrapolar os espaços limitados das academias.

O fenômeno das corridas de rua com milhares de indivíduos correndo pelas avenidas das grandes cidades demonstra que os espaços fechados das academias não mais dão conta de manter os corredores atentos apenas aos seus *headphones* e as *TVs* colocadas em frente às esteiras. A solidão em não compartilhar seus anseios, desejos e objetivos desenvolveu o surgimento de grupos, nos quais seus membros se automotivam a enfrentarem os perigos das ruas e, assim, se filiam as ações que convergem para a promoção da saúde. O sentimento gregário e a busca da excitação parecem também ser os deflagradores dessa nova atitude coletiva.

A necessidade e o desejo caminham juntos dentro de um mesmo momento. Ao correr na rua, o hedonismo é satisfeito. Ao se defrontar com o risco, principalmente controlado, se busca a sensação de vitória sobre o meio hostil, que coloca

o sujeito em circunstâncias nas quais o corpo deverá resistir ao inóspito e, para isso, deverá ser preparado/controlado. A academia é justamente o espaço que propicia ao cidadão comum essa possibilidade de preparar/controlar o corpo para esse novo desafio. Todo um aparato, que envolve desde a alimentação até a ajuda profissional, se desenvolveu uma forma de reunir grupos de pessoas com objetivos parecidos, nos quais se busca correr mais e melhor. Fazer parte de um grupo é se municiar de conhecimentos fisiológicos, técnicos e táticos, que passam uma segurança, que o individualismo das esteiras não fornece.

Ressalta-se que esse artigo de revisão não objetivou esgotar o assunto sobre o tema. Ao fazer uma imersão acadêmica, que tratasse a associação entre alunos de academias e corridas de rua, não se encontraram produções que versassem diretamente sobre o assunto, então se optou por referenciais teóricos que ajudassem a entender o fenômeno. Ao analisar estudos, que abordavam corridas ou corredores de rua, as duas teorias citadas no estudo chamaram atenção. Motivos pelos quais se resolveu analisá-las. O estudo se baseia em algumas evidências associativas para apresentar as conclusões em tela. Entretanto, considera-se que outras produções precisam ser realizadas para aprofundar as discussões.

Referências

1. Evangelista AL. Treinamento de corrida: uma abordagem fisiológica e metodológica. São Paulo: Phorte; 2009.
2. Salgado JVV, Chacon-Mikahil MPT. Corrida de rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes. *Conexões* 2006; 4(1):90-9.
3. Dallari MM. Corrida de rua: um fenômeno sócio cultural contemporâneo. São Paulo: USP; 2009.
4. Marinho DA, Guglielmo LGA. Atividade física na academia: objetivos dos alunos e suas implicações. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 1997; 10(1).
5. Terra. Brasil é 2º país em número de academias de ginástica. Terra, 2014.
6. Gomes IR, Chagas RA, Mascarenhas F. A indústria do fitness, a mercantilização das práticas corporais e o trabalho do professor de educação física: o caso body systems. *Movimento* 2010; 16(4):169-86.
7. Zimerman DE, Osório LC. Como trabalhamos com grupos. São Paulo: Livraria Duas Cidades; 1997.
8. Rubio K. Estrutura e dinâmica dos grupos esportivos. In: Rubio K. Psicologia do esporte: teoria e prática. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.
9. Albuquerque RC. Comportamento do consumidor de materiais esportivos para a prática da corrida de rua na região metropolitana de Belo Horizonte. Belo Horizonte: FIPEL; 2007.
10. Oliveira SN. Lazer sério e envelhecimento: loucos por corrida. Porto Alegre: UFRGS; 2010.
11. McClelland DC, Burham DH. O Poder é o grande motivador. In: Vroom VH. (Org.). Gestão de pessoas, não de pessoal. Rio de Janeiro: Campus; 1997.
12. Maslow AH. A theory of human motivation. *Psychol Rev* 1943; 50: 370-96.
13. Ferreira LFS. Corridas de aventura: construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza. Campinas: Unicamp; 2009.
14. Moretti AR. Corridas de aventura: processos de coesão grupal na superação de obstáculos. 2009. São Paulo: PUC; 2009.
15. Elias N, Dunning E. A busca pela excitação. Lisboa: Difel; 1992.
16. Robbins SP. Comportamento organizacional. São Paulo: Prentice Hall; 2002.
17. Segalen M. Ritos e rituais contemporâneos. Rio de Janeiro: FGV; 2002.
18. Stigger MP. Esporte, lazer e estilos de vida um estudo etnográfico. São Paulo: Autores Associados, 2002.
19. Dias CAG, Melo VA, Alves Júnior E. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. *Rev Port Ciênc*